



**AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS: UMA ANÁLISE REFLEXIVA  
NAS CHARGES DO *FACEBOOK***

Josemara Stefaniczen

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo elaborar na perspectiva da Análise do Discurso aliado às teorias sobre cibercultura, concepções direcionadas à análise da imagem em sua materialidade, sendo embasado em teorias dos autores como Pêcheux, Orlandi, Lévy, entre outros. Como finalidade propõe-se a discussão sobre o dito e o não-dito (implícito) no discurso, adotando como modelo de texto para análise, duas charges vinculadas na rede social *Facebook* aliada à utilização da sátira. A pesquisa utilizou uma revisão de literatura, a fim de realizar uma reflexão teórica e identificar subsídios que esclareçam aspectos fundamentais do tema em questão como meio de compreender a imagem na Análise do Discurso e como os sentidos são produzidos. Os resultados apontaram de que maneira a imagem é considerada como prática discursiva e está inscrita na história e assim produzindo seus efeitos de sentido.

**PALAVRAS - CHAVE:** Análise do Discurso, Imagem, Linguagem, Sátira.

**ABSTRACT:** This article aims to develop in the perspective of discourse analysis combined with the theories of cyberculture, conceptions directed for the analysis of image in its materiality, being grounded in theories of authors such as Pêcheux, Orlandi, Lévy, among others. The purpose it is proposed to discuss about the said and the unsaid (implicit) in the discourse, adopting as a text model for analysis, two linked cartoons on the social network Facebook allied to the use of satire. The research used a literature review in order to perform a theoretical reflection and identify subsidies to clarify fundamental aspects of the topic as a means to highlight how the image is described in discourse analysis and how meanings are produced. The results showed how the image is considered as a discursive practice and is inscribed in history and producing its effects of meaning.

**KEY WORDS:** Discourse Analysis, Image, Language, Satire.

## 1 INTRODUÇÃO

O surgimento da Internet trouxe significativas transformações para a sociedade, dentre essas transformações, a mais expressiva é a oportunidade de sociabilização dos sujeitos por meio das formas de comunicação intermediada pelo computador. Essas formas de comunicação possibilitaram que as pessoas pudessem interagir e comunicar-se umas com as outras, permitindo assim uma vasta participação nas redes sociais, deste modo acabam por modificar as relações sociais, os espaços de interação, e também os lugares de fala estabelecidos. Um dos aspectos relevantes nessa interação é o uso do conjunto imagem-palavra para expressar a fala. Nesse contexto, pode-se citar a rede social *Facebook* onde são normalmente empregadas imagens, quase sempre acompanhadas por textos escritos, como meio de expressividade da língua.

Refletindo sobre a questão da imagem a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, pode-se destacar Orlandi (1995, p. 34):

[...] permite trabalhar não exclusivamente com o verbal (o linguístico), pois restitui ao fato da linguagem sua complexidade e sua multiplicidade, isto é, aceita a existência de diferentes linguagens o que não ocorre com a Linguística, que, além de reduzir fato (de linguagem) à disciplina (que trata da linguagem), reduz também a significação ao linguístico. O importante para a AD não é só as formas abstratas, mas as formas materiais de linguagem.

A partir dessa perspectiva, tem-se o entendimento que, para Análise do Discurso, a linguagem não é concebida como diáfana, mas dispõe de uma materialidade simbólica expressiva em seus discursos. O texto escrito é associado à imagem com frequência, principalmente à imagem composta por elementos fotográficos que indicam um encadeamento composto pela expressividade que o discurso pode adquirir ao se dedicar em distintas materialidades.

Ao tratar a imagem na qualidade de discurso ressalta-se Ferreira (2001, p.11):

Percebo a imagem enquanto estrutura e acontecimento, enquanto discurso. E busco entender como a imagem funciona e produz sentido, e porque define determinados gestos de leitura. “O acontecimento inaugura uma nova forma de dizer, estabelecendo um marco inicial de onde uma nova rede de dizeres possíveis irá emergir”.

Dessa maneira, compreende-se que o motivo da utilização da imagem nas redes sociais está na aplicabilidade de efeito simbólico, que permite a criação de um significado singular, adotando de tal modo uma nova percepção às imagens gerando uma nova leitura. E ao inculcar a sátira como recurso dessa imagem publicada nas redes sociais, pode-se destacar Bosi (1993, p. 163) o “lugar de onde se move a sátira é, claramente, um topo negativo: a recusa aos costumes, à linguagem e

aos modos de pensar correntes”, em referência à desaprovação como resposta contra determinados assuntos considerados pelas pessoas impróprios ou errados.

E, nesse entendimento, a internet propicia uma gama de imagens que exprimem sentidos variados e apresentam um discurso próprio, onde cada sujeito constitui seu processo de identificação a partir de uma condição peculiar e de seu contato com a leitura da imagem.

Nesse sentido, Lemos (2008, p. 138) destaca:

O ciberespaço é hoje um espaço (relacional) de comunhão, colocando em contato, através do uso de técnicas de comutação eletrônica, pessoas do mundo todo. Elas estão utilizando todo o potencial da telemática para se reunir por interesses comuns, para bater papo, para trocar arquivos, fotos, música, correspondência. [...] Mais do que um fenômeno técnico, o ciberespaço é um fenômeno social.

A partir desse aspecto, a Internet tornou-se mais que um componente tecnológico, instituiu um novo ambiente e interação social, conforme destacado por (LÉVY, 1999). Entretanto, isso não significa que esses novos paradigmas culturais, dominados pelo hipertexto, eliminaram textos e contextos. A cultura continua sendo a base da cibercultura, portanto, ao tratarmos do universo da hipertextualidade, devemos considerar que a oralidade (espaço dominado pelos mitos) e a textualidade (espaço dominados por palavras, imagens, sons, linguagens) operam como uma memória, fonte de sentido para o ciberespaço. Nesse cenário, podemos, ainda, destacar que a internet atua como memória do mundo real.

Frente a essas explicações, o referido artigo tem como objetivo elaborar na perspectiva da Análise do Discurso concepções direcionadas à análise da sátira em sua materialidade na internet. Isto é, o verbal em conjunto com o não verbal aliados às teorias sobre cibercultura e sátira, a fim de propor a discussão sobre o dito e o não-dito (implícito) no discurso, adotando como modelo de texto para análise, uma charge vinculada nas redes sociais.

Tem como justificativa apresentar como a imagem é manifestada nas redes sociais e de que maneira a Análise do Discurso nos proporciona possibilidades, pois são várias leituras e entendimentos sobre esse dado e ainda é possível destacar a relevância desse estudo por se tratar de algo vigente, ou seja, o nosso cotidiano está cercado por imagens satíricas na internet e estas nos mostram sentidos e discursos relacionados à realidade política e social.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Orlandi (1997) em seu estudo sobre o silêncio ressalta que os procedimentos de análise que abrangem o verbal por meio da imagem demonstram um efeito ideológico de apagamento

oferecendo fundamento, especialmente em relação ao mito de que a linguagem somente pode ser considerada como transferência de conhecimento, ou simplesmente como método para comunicar. A linguagem verbal e a imagem não devem ser observadas como princípios separados e que se reunidos formam sentidos, mas sim considerar que as materialidades agem em ambas a fim de instituir uma totalidade significativa.

Dessa maneira, a relação entre a linguagem verbal e a imagem pode ser compreendida como efeitos de sentido, preconizando a importância de observar como um conjunto, para que seja possível obter uma perspectiva das mesmas como formas de linguagem.

Segundo Coutinho (2005, p. 330-331) “essa capacidade das imagens de comunicar uma mensagem que constitui o aspecto principal de sua análise.” Sendo assim, compreende-se que a imagem é igualmente um dos meios de comunicação com a sociedade. Quando abordada a temática concernente à imagem é indispensável ponderar indagações acerca do não verbal e a relevância de discorrer sobre o papel da ideologia correlacionado com a definição de imagem que para Análise do Discurso é um acontecimento discursivo.

Atualmente a Internet tem proporcionado um crescimento considerável de usuários, pois a cada dia que passa mais pessoas se conectam a essa rede mundial, seja pelo motivo de lazer ou de trabalho, o que é perceptível é o uso dessas novas formas de comunicar e através dessas possibilidades pode-se estudar a linguagem em seu contexto não verbal relacionada às mídias. Se considerarmos a tendência da possibilidade de acesso à web por meio da televisão, eletrodomésticos como a geladeira e o micro-ondas e, claro, carros e casas inteligentes – a presença das pessoas na internet pode chegar a números nunca antes imaginado.

Segundo Lévy (1999, p. 32) as tecnologias digitais “surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”. Dessa maneira, a tecnologia contribuiu para modificações na sociedade e também nos meios de comunicação, relacionando-se direta ou indiretamente a ela.

Portanto, a sociedade adquire uma característica universal, em consequência das contribuições informacionais possibilitadas pela tecnologia e fortemente influenciadas pelas redes sociais. O conceito de redes sociais procura amparar conforme Barnes (1987, p.163) "a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias", dessa forma, compreende-se que as redes são virtuais, mas ao mesmo tempo são reais e sociais, muitas vezes fixas outras vezes dinâmicas e principalmente abrangem em si próprias um funcionamento social de ações locais e globais.

A questão da veiculação da linguagem não verbal associada com a sátira nas redes sociais teve seu embasamento em pesquisas de autores da Análise do Discurso como Orlandi (2009), Pêcheux (1997) onde é apresentado o sujeito como assujeitado e afetado pelo real da língua e pelo real da história, vivenciado pelo inconsciente, por conseguinte, fragmentado. E na abordagem sobre sátira temos Bosi (1977), Bergson (1983) os quais discorrem destacando as características da sátira, no tema linguagem não verbal destaca-se autores como Barthes (1982) o qual aborda que texto e imagem são intrínsecos.

Com relação ao tema ciberespaço foram elencados autores como Lévy (1999) que evidencia aspectos sobre a realidade virtual cotidiana e a verdadeira realidade, Lemos (2008) relata sobre o hipertexto mundial interativo. Desta forma, pesquisas sobre o tema linguagem não verbal aliado à sátira nas redes sociais ainda são pouco difundidas nos estudos linguísticos, por conseguinte, há que se adotar estudos nessa área devido a relevância e a contemporaneidade do mesmo.

## **2.1 Linguagem Não Verbal**

Ao considerar a linguagem a partir da concepção discursiva e compreender sua multiplicidade, a incessante procura pelo entendimento do seu dinamismo é eloquente e conforme as premissas da Análise do Discurso, a língua tem funcionamento, e sua criação de sentidos é feita ideologicamente. A partir dessa perspectiva, compreende-se que a língua não é exclusivamente um mecanismo para comunicar, ela é imparcialmente ideológica, onde seu funcionamento e modo de produção de sentidos são ideologicamente determinados.

Para definir ideologia no que concerne à linguagem, na Análise do Discurso segundo (Orlandi, 2001; Pêcheux, 1997) a ideologia se consolida no discurso na qualidade de agregação de valores, crenças assim concebe-se que as ideologias formam os “sujeitos”. Por conseguinte, as formações discursivas são parte integrante das formações ideológicas, pois a ideologia tem seu indício tangível no discurso. Nesse contexto, podemos observar que o sentido de uma imagem é estabelecido com base em outras formas de discurso que com ela discorrem.

A leitura de uma imagem para Análise do Discurso é opaca, pois, em torno dela formulam-se outros discursos, desse modo a utilização da imagem coopera para o efeito de verdade, a determinação dos sentidos e a produção de conformidades requeridas pelas interpretações.

Orlandi (1997, pag. 33) observa: “O silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou

melhor: no silêncio, o sentido é.” Nesse contexto, o entendimento de silêncio não deve ser atrelado ao falar para ter significado. Assim, é ratificado que a matéria significativa do silêncio é distinta da linguagem verbal, pois as imagens em conformidade com a interpretação e pela inferência das mesmas cominam ao texto não-verbal o modo de sua heterogeneidade.

Segundo Pêcheux (1993, p. 178): “o não-afirmado precede e domina o afirmado”, onde o sentido é dominante na imagem e as informações que a constituem precisam considerar outras perspectivas históricas. A partir dessas reflexões, pode-se dizer que o sentido precisa ocorrer após a análise da imagem e frente a esse pressuposto, compreende-se que a memória discursiva, ou interdiscurso, assinalado como um conjunto de discursos distintos que encaminharão o sentido do que está sendo dito. Portanto, a memória social é desta forma, reparada na enunciação, apresentando como particularidade que todo discurso, motivado seja componente de continuidade da fala.

Nesse contexto que o discurso vai ser estabelecido, isto denota que, no discurso, enunciados são apresentados com o intento de causar novos sentidos que norteiam ao efeito de sentido acreditado no texto, ou seja, se refere à imagem como discurso delimitando sentido.

De acordo com Barthes (1982, p.21):

[...] na relação atual, a imagem não vem esclarecer ou “realizar” a palavra; é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem; mas como esta operação se faz a título acessório, o novo conjunto afirmativo parece principalmente fundado numa mensagem objetiva (denotada), cuja palavra não é senão uma espécie de vibração segunda, quase inconsequente; antigamente, a imagem ilustrava o texto (tornava-o mais claro); hoje, o texto sobrecarrega a imagem, confere-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação [...]

Nesse sentido, compreendemos que no conjunto imagem-palavra, o texto e imagem são intrínsecos. A imagem suscita a palavra e esta agrega outros sentidos à imagem. Contudo, o sentido da imagem acontece em sua interpretação, estabelecendo-se em discurso. Desse modo, a interpretação da imagem, assim como a interpretação do verbal, implica o vínculo do sujeito com o ambiente (contexto).

## **2.2 Ciberespaço**

A internet pode ser considerada como um dos fenômenos da atualidade, e por ser uma das inovações mais difundidas na sociedade, instituiu um novo ambiente e tempo para a interação social. Segundo Lévy (1999, p.17):

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo específica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas

também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Por meio da representatividade do ciberespaço na sociedade, o que se vê na atualidade é uma mudança radical no comportamento humano, transformando o caráter das relações dos sujeitos com a tecnologia e entre si. “O ciberespaço é, assim, um hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo [...]” (LEMOS, 2008)

Dessa forma, compreende-se que esse processo de textualização acontece a subjetivação, pois há um sujeito que se conduz na origem do que se diz, provocando efeitos de coerência da função-autor e assim, refletindo a conquista da palavra pelo sujeito no seu dia a dia. De acordo com Lévy (1999, p.71): “[...] Não podemos confundir a realidade virtual cotidiana, da mesma forma como não podemos confundir um filme ou um jogo com a verdadeira realidade”.

Na instância do imaginário humano atrelado à tecnologia, não podemos considerá-la separada da sociedade, como um componente solitário, mas sim analisarmos uma sociedade atravessada pela tecnologia, que influencia significativamente as formas de sociabilidade e desta maneira há uma inter-relação adjacente entre subjetividade e tecnologia, determinando na medida em que proporciona noções que delineiam nossa maneira de demonstrar e interagir.

O conhecimento científico permite a transformação da humanidade e quanto mais o sujeito compartilha do saber científico, maior existe a possibilidade de aumento da subjetividade do sujeito. Em conformidade com Lipton (1996, p.343):

No tempo real do ciberespaço, oferecem-se ao indivíduo mais possibilidades: a identidade torna-se fragmentada quando convertemos o que somos de múltiplas maneiras. Como construímos e reconstruímos o eu depende muito de crescentes números de pessoas que encontramos e de como elas nos respondem.

Nessa concepção, o sujeito antes considerado como tendo uma única identidade, fixa e imutável, agora está se tornando fragmentado; constituído por uma pluralidade de identidades, no qual o processo de identificação é transformado consecutivamente em relação às formas pelas quais somos representados.

### **2.3 Sátira**

É importante salientar que a internet converge todas as linguagens e artes, criando novos sentidos. Porém, é necessário ressaltar que a sátira teve sua origem na Literatura (HANSEN, 2004), conceituada, no século XVII, como recurso literário inteligente e com padrão característico dos discretos cortesãos. Assim, percebe-se a importância do conceito de sátira e o quanto se torna relevante quando a associamos ao século XII e ao século XIV, relacionando ao período do Trovadorismo em ligação com cantigas de *escárnio* e *maldizer*.

Segundo Kothe (1981, p. 91), “o riso não é inocente nem é apenas uma brincadeira”. A sátira nem sempre é humorística, muitas vezes pode ser *trágica*. O humor satírico pretende, muitas vezes, alcançar um resultado *cômico* pela aproximação da sátira com a realidade. Entretanto, a finalidade da sátira é política, social ou moral, pois inclina-se à sutileza, à ironia.

Sendo um dos objetivos da sátira a crítica de vícios sociais, o riso fortuito suscitado será sempre embaraçoso, pois é característico a ele o caráter de repreensão, ou seja, rir, muitas vezes, das piores mazelas humanas, tabus morais e psíquicos das pessoas.

A escolha das referidas imagens como *corpus* de pesquisa justifica-se por ponderar que a ideologia se apresenta por meio das práticas do sujeito e dessa forma, compreende-se que a sátira se estabelece como item material dessa ação.

De acordo com Bosi (1977, p. 172), a “[...] sátira tem um reconhecimento estrutural com o contemporâneo – com o transitório, portanto, ainda que, na superfície se exiba como uma abordagem do passado está conectada diretamente à ação política.” Contudo, a tensão entre aparência e interior é um dos pontos cruciais de toda sátira e um de seus propósitos é, nitidamente, especificar os pontos em que o segundo discurso se desfaz e é recoberto pelo primeiro. Ela está totalmente arraigada num contexto de necessidade de crítica, onde a palavra será um recurso, no caso particular da sátira literária, de desiludir e rebaixar os sujeitos que mostram desvios de caráter, a partir de uma norma pré-estabelecida e relacionada ao texto conservador.

Deste modo, ela se torna visivelmente política, no momento que há uma pretensão implícita em todo texto satírico de que aquela circunstância descrita conduza o leitor a apreciar sua narrativa com olhos menos inocentes, e ria com o riso embaraçado de quem imediatamente sabe mais sobre si próprio e seu mundo do que antes da leitura, o que traduz esse riso um gesto social (BERGSON, 1983).

### **3. METODOLOGIA**

Os trabalhos que utilizam a revisão de literatura permitem definir a direção percorrida até

o progresso do conhecimento contemporâneo e, igualmente, direcionar a elaboração de projetos de pesquisa na área. Portanto, a revisão de literatura é um componente fundamental e indispensável pela qual o pesquisador deve iniciar seu estudo, essa revisão permite a base indispensável para explicar, objetivar e estabelecer o problema de pesquisa, além de admitir a definição do melhor método para pesquisar e avaliar o problema e seus elementos (BANDEIRA, 2000).

Foi utilizada a revisão de literatura devido a mesma ser produzida em relação ao questionamento presente de pesquisa e mencionando o contexto teórico, dessa forma evidenciamos que a Análise do Discurso por ser uma área que não possui metodologia determinada, ao constatar os elementos característicos da estrutura teórica que delimitam as análises e assim o analista do discurso constrói, simultaneamente, os seus dispositivos metodológicos. A partir desse pressuposto, compreende-se que teoria e metodologia em Análise do Discurso são intrínsecas e, deste modo, neste artigo será discutido a questão da imagem como discurso e refletir sobre os procedimentos empregados na seleção.

Na metodologia de pesquisa nos estudos linguísticos é, por conseguinte, considerada a intensidade e diversidade de teorias, e neste caso como objeto de análise serão consideradas as imagens enquanto locais de produção de discursos. A metodologia de análise não incide em uma leitura nivelada, do início ao término do texto buscando abarcar o que o mesmo diz, pois todo discurso é incompleto, do mesmo modo que todo texto sempre gera outros discursos. Entretanto, elabora-se uma análise de modo mais profundo, que é permitida pela descrição- interpretação das posições-sujeito admitidas, imagens e lugares instituídos de acordo com as legitimidades discursivas comprovadas nas materialidades.

A partir dessas considerações, o analista do discurso recorre a processos teóricos que auxiliarão a análise de acordo com a abordagem da pesquisa considerando o objeto, pois ao investigar o objeto, é indispensável aplicar outra vez à teoria, observando que o processo analítico ocorre nessa ida e vinda entre a descrição e a interpretação.

#### **4. ANÁLISE DOS DADOS**

Analisar os intrincados dispositivos atuais e as atualizadas estratégias que abarcam palavras e imagens são questões significativas na atualidade e devido ao desenvolvimento tecnológico contemporâneo há necessidade de novos métodos de análise. Frente a esses avanços de caráter

científico e de novas estruturas tecnológicas, Courtine (2005) delinea o conceito de intericonicidade como meio para analisar uma imagem.

Segundo este autor, toda imagem se registra em uma cultura visual sendo que essa cultura pressupõe a vivência para o sujeito de uma memória visual, de uma memória das imagens, pois, sempre que uma imagem é contemplada, outras são recordadas, rememoradas.

**Figura 1 – A Família do Futuro**



Fonte: publicado no *Facebook*

Nessa perspectiva Milanez destaca (2006, p.168):

Toda imagem se inscreve numa cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Portanto, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna. As imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual, armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que essas imagens sejam apenas vistas ou simplesmente imaginadas.

Em suma, toda imagem se associa ao que lhe é externo e se une a elementos difundidos no social e esse entendimento diz respeito ao diálogo de uma imagem com outras exteriores a ela. Conforme Courtine (2005), refletir uma memória das imagens é discorrer uma história das imagens observadas e que são implicadas pela percepção externa e essa memória pertence às imagens que são revividas, recordadas quando unicamente idealizamos uma imagem.

A partir desses pressupostos teórico-metodológicos descritos acima, será realizada, a análise discursiva de duas imagens. As mesmas foram feitas pelo próprio sujeito enunciativo em contextos similares.

Como primeiro exemplo há uma imagem veiculada na rede social *Facebook*, ao discorrer sobre o uso excessivo da internet pelas pessoas hoje, substituindo a interação familiar/contato físico pelo contato virtual. O título da figura publicada nesta rede social intitula-se “A família do futuro” e faz referência aos integrantes da família que interagem no computador sem contato físico entre eles.

Este título é explorado e usado em vários artigos que referenciam a nova prática familiar e como isso tem influenciado a sociedade contemporânea, pois, o conceito de família mudou, nos dias atuais há diferentes tipos de família e com relação ao “futuro”, o mesmo pressupõe progresso, tecnologia e na imagem evidencia silenciamentos que falam, demonstrando o afastamento dos sujeitos e conseqüentemente o distanciamento nas relações afetivas. Todavia diante dessa era virtual, onde praticamente tudo tem relação e vínculo com a internet, cabe a reflexão de como essas novas gerações estão sendo preparadas ou conduzidas para atuar na sociedade.

Considerando a formação discursiva, embasados no conhecimento de intericonicidade, pode-se perceber que os efeitos de sentido são possíveis quando uma memória é retomada, segundo Venturini (2009, p. 85): “A memória é coletiva e se enraíza no que faz sentido na formação social, abrangendo grupos que se aglutinam em torno de laços identitários.”

Na imagem analisada, pode-se explorar consideravelmente sobre a questão da memória, pois, pensar na memória é refletir sobre a história e a formação de redes identitárias que acontecem através da memória e segundo Pêcheux (1999, p. 50) “não no sentido diretamente psicologista da memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador.”

A memória discursiva que discute sobre o que foi dito com relação a um objeto qualquer, porém, no decorrer do uso prontamente não lembra-se de que modo foi dito, por quem e em que situações e que permanece como um já-dito a respeito do qual nossos sentidos se estabelecem, assim podemos exemplificar o sentido de família que na primeira imagem é demonstrada dentro de determinado contexto.

A imagem é um condutor de memória social, pois admite dentro dela um programa de leitura, um percurso escrito em outro lugar, assim atrelado à questão da memória temos a ideologia do sujeito, que no exemplo da primeira figura, há incutido a ideologia de família no

contexto demonstrado, desse modo o indivíduo é interpelado em sujeito por meio da ideologia para que se determine o dizer, assim a ênfase do sentido que estabelece com que uma palavra nomeie uma coisa anula o seu caráter material, desta maneira, as palavras adquirem seus sentidos de formações discursivas nas relações e esse é o resultado da caracterização do interdiscurso (da memória).

**Figura 2 – Casamento**



Fonte: publicado no *Facebook*

A segunda imagem, publicada também na rede social *Facebook* se apresenta com os sujeitos em numa cerimônia matrimonial onde após o sacerdote finalizar a benção as palavras por ele proferidas são “ Eu vos declaro marido e mulher. Podem atualizar seus status no *Facebook*”, no lugar de “Eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.” Neste ínterim, percebe-se a utilização da sátira no contexto, onde atualmente os sujeitos têm uma fascinação pela mídia e por contar sobre sua vida nas redes sociais, antes o contato físico era mais pertinente, já nos dias atuais isso fica em segundo plano, o importante é manter “viva” as suas relações e atualizações virtuais.

Ainda podemos destacar a posição sujeito do sacerdote que tem o poder para declarar, ou seja, ele é uma voz de autoridade, que possui o “domínio” do dizer, ele quem determina o momento tão aguardado pelos noivos, a consagração dos votos. Nesse panorama, também temos representado o interdiscurso na questão da frase “Podem atualizar seus status no *Facebook*” nos remete ao momento da troca das alianças que significa a confirmação dos votos.

Esta imagem enquanto texto e discurso determina um tom satírico gerando um efeito de sentidos diferente em cada sujeito que o lê, tudo isso em um cenário contraditório onde a igreja e o sacerdote comungam das redes sociais dentro do ritual do matrimônio, onde se espera a

preservação das tradições dos ritos, desse modo, percebe-se que há abertura para uma infinidade de dizeres, de discursos possíveis, bem como propõe diferentes leituras e gestos de interpretação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise do Discurso é uma área de pesquisas que não tem uma metodologia definida, ou seja, o analista do discurso estará simultaneamente construindo os procedimentos metodológicos. Deste modo, é o elemento e as possibilidades da pesquisa que vão estabelecendo a teoria, pois teoria e metodologia são intrínsecas.

Assim, as pesquisas nesse caráter têm continuamente um cunho qualitativo, não havendo análise quantitativa de dados. Conforme Orlandi (2009, p.62):

Considerando os objetivos da pesquisa que podem incluir os efeitos de memória, da história, as ideologias, as heterogeneidades constitutiva e mostrada, os não ditos. Pode-se também observar elementos icônicos, gráficos e a relação destes com a linguagem-verbal, geralmente com o intuito de compreender os efeitos de sentidos produzidos pela materialidade linguística e não linguística (isto é, a imagética, as substâncias, etc.).

Deste modo, o artigo apresentado teve como objetivo demonstrar que a imagem na Análise do Discurso é considerada como texto, portanto, não é fechada, homogênea e transparente, e quanto ao *corpus* selecionado para análise, o mesmo se encontra isolado da internet, diferentemente das imagens que dependem ser analisadas dentro de um contexto específico.

Quanto a demonstrar concepções direcionadas à análise da imagem em sua materialidade simbólica, ou seja, analisar o não dito, as redes de memória, a ideologia do texto os efeitos de sentido no contexto da Análise do Discurso, conclui-se que aprofundar o entendimento dos sentidos produzidos é abrir possibilidades de outras leituras e como consequência, de outras interpretações.

Para Pêcheux ([1975] 1988, p. 160) os elementos determinantes dos sentidos são: a classe social, a interpelação cultural e sócio histórica do sujeito:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.

No caso da análise das imagens enquanto textos, as condições de produção dessas aumentam-se os vínculos que podem conectar imagem e sentido devido a produção de novos discursos e o deslizamento de sentidos, e, portanto, o sujeito deverá possuir um olhar crítico sobre o acontecimento, ou seja, construir gestos de interpretação, por meio de um dispositivo verbal e teórico, evidenciando que um dizer se estrutura sobre outro.

Ao apresentarmos um artigo de análise da imagem, constataremos um embate que se caracteriza em um jogo de enunciados entre o que é revelado na composição visual da imagem, e o que se compila na procura em obter a discursividade da imagem.

Concebidas em um sentido mais abrangente, as condições de produção abarcam o contexto sócio histórico e o ideológico. Assim, o agrupamento dos valores ideológicos compõe o imaginário que institui o lugar que os sujeitos do discurso conferem-se mutuamente e podemos compreender que processo equivalente ocorre na relação com a imagem e sua produção discursiva de sentidos junto à mídia.

Ao conceber a imagem na relação com a exterioridade, busca-se o entendimento do discurso atrelado ao simbólico, instituído em uma organização composta por um procedimento cultural, histórico e político de produção. Nos exemplos retratados nesse artigo, a parte do corpus de análise, a imagem da família divide espaço com o enunciado que anuncia a possível família do futuro, ambas atreladas a mídia e tecnologia, isso é matéria significativa no próprio espaço discursivo que o enunciado anuncia a “nova família” e dessa forma, abrange simultaneamente a relação histórica, a qual nos permite conferir alguns sentidos e não outros.

Conforme Orlandi (2009, p. 59): Nesse processo de interpretação, o analista deve buscar apreender as margens discursivas considerando a opacidade, a não fixidez dos sentidos, as heterogeneidades, as inconsistências e as contradições próprias do discurso. Pois, os discursos não são mais os mesmos, porque os condutores que os apoiam passam por contínuas transformações.

Nesse aspecto, compreende-se que o discurso não deve ser separado da criação e recepção de imagens, e frente a estas reflexões compreendemos que a imagem é indispensável dos discursos na atualidade. De acordo com Navarro (2006, p. 80): “a imagem desempenha um papel importante, uma vez que possibilita agregar uma comunidade de olhares e colocar os possíveis leitores ou espectadores diante de um mesmo ponto de vista”. A imagem, como discurso determinado pelo não-verbal, demanda perspectivas frequentemente não abordadas nas análises mais corriqueiras. Então, se estabelece a oportunidade de considerar os elementos visuais como formadores de discurso.

Para que fosse possível a apresentação sobre análise de imagens em Análise de Discurso, foram utilizadas as reflexões de Pêcheux, Orlandi, Courtine e entre outros autores com o intento de considerarmos determinados aspectos teóricos descritos por Pêcheux, e dessa forma foi realizada uma trajetória até ancorar debates contemporâneos direcionados para esse perfil de análise.

Foram utilizadas as noções de memória social e ideologia como fundamentos para analisarmos a matéria essencial do *corpus*, ou seja, as duas imagens veiculadas no *Facebook*. Ficou evidente que para Análise do Discurso, toda imagem é entendida como texto, logo, a opacidade da linguagem não se refere somente ao verbal, pois, o não verbal produz dizeres e não-dizeres, na opacidade de sua composição. Quando abordamos a imagem, devemos refletir além da mesma, ou seja, considerar o sonoro, o gestual e, igualmente a articulação entre ambos a fim de produzir sentidos nos discursos.

Este trabalho é apenas um ponto de partida para estudos posteriores sobre a temática e assim pode-se concluir que através de sua posição o sujeito que enuncia, explora o passado e, dessa maneira reassume uma memória como requisito para (re)construção do presente. Portanto, a imagem de família representada de forma satírica, como episódio presente, é atrelada à era tecnológica e com ela constitui interdependência. Sendo assim, ponderando que todo discurso sempre ocorre dentro de outros discursos o processamento da memória sobre a questão familiar de tempos passados com a contemporaneidade transcorre os discursos do sujeito e estimula os estudos da contemporaneidade entre família e era digital.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Marina. **Formulação de um problema de pesquisa**. Série didática, UFSJ, 2000. 9 p. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File\\_/lapsam/Texto%20-%20Revisao%20de%20literatura.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File_/lapsam/Texto%20-%20Revisao%20de%20literatura.pdf)>. Acesso em: 15 maio de 2014.
- BARNES, John A. **Redes Sociais e Processo Político**. In.: FELDEMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos*. São Paulo: Global, 1987.
- BARTHES, Roland - **O Óbvio e o Obtuso** (1982) trad. Isabel Pascoal, Lisboa: Edições 70, 1984.
- BERGSON, Henri. **O riso**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: \_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

- BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: \_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- COURTINE, Jean Jacques. **A estranha memória da análise do discurso**. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- COUTINHO, Iluska. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). São Paulo: Atlas, 2005.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro (coord) **Glossário de termos de discurso Análise do Discurso**. Instituto de Letras – UFRGS, Porto Alegre: 2001.
- HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII**, 2ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- KOTHE, Flávio R. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortez, 1981.
- LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ed. São Paulo, 1999. Editora 34
- LIPTON, Mark: Forgetting the body. In Lance Strate, Ronald Jacobson & Stephanie Gibson (org.): **Communication and cyberspace**. Cresskill (NJ): Hampton, 1996.
- MILANEZ, Nilton. **O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade**. In: NAVARRO, Pedro (org.) Estudos do texto e do Discurso. Mapeando Conceitos e Métodos: São Carlos: Claraluz, 2006.
- NAVARRO, Pedro. **O Pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD**. In: \_\_\_\_\_. (org.). Estudo do texto e do discurso – mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**. RUA, 1, p.35-48, 1995.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET,

Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, P. **Papel da memória**. Trad. de José H. Nunes; Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: EDUNICAMP, 1988.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano. Espaço de rememoração/ comemoração**. Universidade de Passo Fundo. 2009.